

**O TEXTO AUTOBIOGRÁFICO
DE DR. REMÉDIOS MONTEIRO
E AS VARIAÇÕES ORTOGRÁFICAS DO SÉCULO XIX**

Rita de Cássia Ribeiro de Queiroz (UEFS)

RESUMO

A ortografia da língua portuguesa, ao longo de sua evolução, passou por diversas fases. Os textos escritos no Brasil do século XIX trazem exemplos dessas fases. Este trabalho tem por objetivo analisar as variações grafemáticas contidas no Diário de Dr. Remédios Monteiro, documento pertencente ao acervo de Monsenhor Galvão, sob a guarda do Museu Casa do Sertão, órgão da Universidade Estadual de Feira de Santana, Bahia.

Palavras-chave: Ortografia, Língua Portuguesa, Escritura Autobiográfica, Variações Grafemáticas.

INTRODUÇÃO

A escrita é a contrapartida gráfica do discurso, é a fixação da linguagem falada numa forma permanente ou semipermanente. Por meio da escrita, a linguagem pode transcender as condições ordinárias de tempo e lugar. Para Bottéro, “(...) a mensagem escrita tem a condição de dar impulso a uma série de ondas concêntricas de reflexão, ampliadas e aprofundadas sucessivamente” (1996: 22).

A escrita é ao mesmo tempo das coisas mais universais e mais inapreensíveis. Sem a escrita, a cultura, definida como uma “inteligência transmissível”, não existiria (talvez existisse de forma rudimentar que mal se poderia reconhecer). A lei, a religião, o comércio, a poesia, a filosofia e a história – todas as atividades que dependem de certo grau de permanência e de transmissão – seriam, se não impossíveis, bastante restritas. Mesmo tendo-se ampliado as possibilidades de transmissão oral há um ou dois séculos atrás, esta ainda está circunscrita a estreitos limites se comparada com os mundos abertos pelo uso da escrita.

A ORTOGRAFIA PORTUGUESA

A ortografia portuguesa nunca foi uniforme. Contudo, com o uso da escrita ampliado, houve a necessidade de se fixar a ortografia,

que significa, em sua origem grega, “escrita correta”.

Os primeiros textos escritos em português trazem uma grafia muito próxima da oralidade, pois havia uma preocupação em se representar graficamente os sons da fala. Para Coutinho (1976, p. 71): “Nos primeiros tempos, quando o pseudo-etimologismo não havia ainda empolgado os espíritos, observa-se nela uma grande tendência fonética”. No entanto, a representação fonética nunca foi satisfatória porque o som /i/ podia ser representado pelos grafemas <i>, <y> ou <h>; a nasalidade pelos grafemas <m> ou <n> ou pelo diacrítico <~> (til). Em contrapartida, algumas grafias tornaram-se antiquadas em relação ao que se pronunciava, como em *leer* e *teer* (ler e ter, respectivamente).

No Renascimento, com a busca de se conhecer os escritores clássicos greco-latinos e, por conseguinte, a língua latina, começam a surgir as primeiras complicações de ordem gráfica. Deste modo, aparecem grafias como *fecto* (feito), *regno* (reino), *fructo* (fruto). Segundo Coutinho (1976: 71): “As palavras sofrem, a partir de então, a influência etimológica, apresentando uma indumentária mais rica de letras, em flagrante contraste com a primitiva simplicidade”. O resultado dessa influência foi o surgimento de inúmeras consoantes duplas e de grupos como *ph*, *ch*, *th*, *rh* (não utilizados anteriormente).

Com a normalização da vida do reino e a lenta constituição de uma literatura, a palavra escrita vem cobrar foros de cidadania e torna-se, ela própria, objecto de clivagens sócio-culturais, especialmente a partir do Renascimento, momento em que a escrita se vai aproximar mais da matriz latina. (GONÇALVES, 1992: 17-18)

As ortografias fonética e pseudo-etimológica vão durar até 1904, ano em que Gonçalves Viana publica *Ortografia Nacional*, trabalho que serviu de base a todas as reformas ortográficas com tendência simplificadora.

Os estudiosos das questões ortográficas da língua portuguesa concordam em um ponto: sobre a periodização da ortografia. Foram estabelecidos três períodos: 1. período fonético – dos primeiros textos até o século XVI, em que se observa certa flutuação na grafia das palavras mas, com a fonética transparecendo a todo momento, ou seja, a língua era escrita para o ouvido; 2. período etimológico ou pseudo-etimológico – do século XVI até 1904, caracterizado pelo emprego de consoantes geminadas e insonoras, de grupos consonan-

tais impróprios, de letras como o *y*, *k* e *w*; 3. período das reformas ortográficas – de 1904 aos dias atuais, havendo dois sistemas simplificados: o português e o luso-brasileiro.

O PORTUGUÊS ESCRITO NO SÉCULO XIX

No século XIX, tanto no Brasil quanto em Portugal, a literatura de língua portuguesa apresenta um enriquecimento, em que se destaca a prosa de ficção: romance, novela, conto. De acordo com Martins (1988: 8): “Esse enriquecimento [...], em confronto com os séculos XVII e XVIII, está relacionado a todo um complexo movimento histórico-cultural, observado em numerosos países”.

No século XIX acentuam-se as diferenças entre o português europeu e o português brasileiro, sendo significativas algumas obras da literatura brasileira oitocentista. Em se tratando de língua, essas obras são pouco estudadas. Contudo, os escritores brasileiros do século XIX recebiam uma educação essencialmente humanista, na qual a retórica, a gramática, a literatura e as línguas tinham uma destacada importância. Sendo assim, o português ensinado nas escolas estava distante da língua falada pelo povo. Neste período, também, há um aumento significativo no número de gramáticas.

Em relação à ortografia, até o século XIX, buscava-se a grafia mais complicada. Em 1734, em Portugal, João de Morais Madureira Feijó publicou *Orthographia ou arte de escrever e pronunciar com acerto a lingua portugueza*.

Na *Orthographia* de Madureira Feijó, aqueles dois princípios ou critérios ortográficos – a pronúncia e o uso – têm um papel menos proeminente do que o critério etimológico. Este é, por seu turno, o critério vinculador da ortografia à matriz, ao estabelecer um elo entre as formas gráficas portuguesas e as correspondentes latinas ou grego-latinas. É o que sucede na *Orthographia*, onde a forma gráfica é a marca do *laço genético*. (GONÇALVES, 1992: 56)

Escritores portugueses, como Almeida Garrett, defendiam a simplificação ortográfica desde o início do século XIX, pois criticavam a ausência de norma. Durante todo o século XIX começou-se a entender a falta de justificativa de muitas grafias usadas então. No final do século a desordem ortográfica era tamanha que cada um escrevia como melhor lhe conviesse.

O DOCUMENTO DO SÉCULO XIX:
O DIÁRIO DE DR. REMÉDIOS MONTEIRO

O diário do Doutor Remédios Monteiro foi escrito no seguinte suporte: Caderno pautado tipo escolar, em bom estado de conservação, medindo 220 mm X 170 mm, com 67 (sessenta e sete) folhas, 55 escritas só no recto; 2, só no verso e 10, recto e verso. Algumas folhas apresentam numeração. Com exceção da última folha, todas as demais, no recto, trazem a marca do carimbo de Arlindo da Silva Pitombo, que também as assina.

Dr. Remédios Monteiro escreveu seu diário com o objetivo de deixá-lo para sua única filha, D. Elvira Monteiro, o que pode ser comprovado na seguinte passagem:

[...] É o padrinho de baptismo de minha filha. Como escrevo / estas recordações para minha filha, / desejo que ella ame, estime e res/peite o bom parente que me soc/correu com a sua bolsa, me gui/ou com seus conselhos e comple/tou minha educação scientifica.» (*Diário*, f. 14r, l. 22 e 23 ; f. 15r, l. 1-6).

Não há indicação do período em que começou a escrevê-lo, pois ele não o datou.

O caderno que contém o diário do Doutor Remédios Monteiro encontra-se hoje no acervo da Biblioteca Setorial Monsenhor Galvão, sediada no Museu Casa do Sertão, órgão da Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS. Este documento é uma fonte rica de informações da segunda metade do século XIX, oferecendo diversas possibilidades de estudo em várias áreas, sejam elas a História, a Filologia, a Literatura, a Medicina etc.

DR. REMÉDIOS MONTEIRO: O HOMEM

O Dr. Joaquim dos Remédios Monteiro nasceu a bordo do navio “Nossa Senhora do Socorro”, em 16 de novembro de 1827, no trajeto entre Goa e Brasil. Filho do Sr. Joaquim Eleutério Monteiro e da Sr.^a Maria Thereza Monteiro, tendo ele nascido em Loutulim de Salcete, na Índia portuguesa, e ela em Bombaim, na Índia inglesa. Porém, não traziam sangue europeu nas veias, sendo ambos de origem brâmane. Casaram-se em 1826.

Em 1851 forma-se o Dr. Remédios Monteiro pela Faculdade

de Medicina do Rio de Janeiro. Para obter o grau de doutor, dissertou sobre o seguinte ponto: “*Digitalis purpurea; sua acção physiologica e therapeutica*”², sorteado pela própria faculdade, pois não era dado o direito ao aluno de escolher o tema da dissertação.

Em 1875 o Dr. Remédios Monteiro vai para Salvador. Com a saúde muito debilitada, presta valorosos serviços à Gazeta Médica da Bahia, sendo seu redator a partir de 1876. Publica vários artigos: *Transusão do sangue, Vacina, Apontamentos para a história natural do cordão do frade, Ensino médico, Pasteur e suas doutrinas, Caso de solução curado pelo jaborandi, A Feira de Santana como sanatório de tuberculose pulmonar*, dentre outros.

Na cidade de Feira de Santana, onde foi presidente da Câmara Municipal, o Dr. Remédios trabalhou muito pela higiene pública: promoveu o asseio e o calçamento das ruas, abriu praças, recebendo uma delas o seu nome, construiu um novo matadouro público.

Em 4 de julho de 1901 faleceu Dr. Remédios Monteiro, deixando saudades àqueles que sempre o respeitaram e o admiraram.

AS VARIAÇÕES GRAFEMÁTICAS NA ESCRITURA AUTOBIOGRÁFICA DE DR. REMÉDIOS MONTEIRO

Índices grafo-fonéticos	Variações etimologizantes	Variações gráficas livres
evoluio	Jacy	vizivelmente
paē	annos	evoluio
sociaes	elle	amisade
si	occupava	Pariz
doe	sciencias	francez
sobresair	escriptos	civilização
possuio	soffrimentos	sobresair
mortaes	hemophthyses	possuio
similhantes	soffrer	goso
cousa	Agnello	similhantes
deminuição	summamente	socego
sorpreendeu-me	arithmetica	emfim
taes	actualidade	suppuz
dous	Adolpho	riquesas
diminue	Victorio	oppuzesse

² Respeitou-se, nesse caso, a grafia da época.

empensadamente felecidades permettido arithmetica Quasi rilações	a ffectuosos p harmacia p hilosophia methodicamente licções homeopathia ch ristã activo succedesse p hysicos luctas affectos a hi factu sup p uz opp u esse baptismo permettido lettras	maldice Quasi
---	---	------------------

OSCILAÇÕES GRÁFICAS NO TEXTO DE DR. REMÉDIOS

Variações gráficas livres
amisade / amizade pae / pai luctas / lutei Resende / Rezende goso / gozava si / se annos / anos

ÍNDICE DAS VARIAÇÕES

Índices grafo-fonéticos	Variações etimologizantes	Variações gráficas livres
1. Variação no uso dos fonemas /e/ e /i/; 2. Variação no uso dos fonemas /o/ e /i/; 3. Variação no uso dos fonemas /o/ e /u/; 4. Fonema /s/ representado, na posição intervocálica, pelos grafemas <s> ou <c>	1. Consoantes geminadas: ll / nn / pp / tt / cc / ff / mm; 2. Grupos consonânticos impróprios: ct / pt / ph / cc / cç / ch / th / sc; 3. Uso do grafema <h> formando hiato	1. Grafemas <s> e <z> representando fonema /z/; 2. Oscilação no uso do grupo consonântico impróprio -ct- em oposição ao grafema simples -t-; 3. Uso do grafema <s>, em posição intervocálica, representando o fonema /s/

ANÁLISE DAS VARIAÇÕES

Observando-se os exemplos colhidos da escritura autobiográfica de Dr. Remédios Monteiro, percebe-se que a ocorrência maior das variações grafemáticas encontra-se na coluna das variações etimologizantes. Esse resultado, bastante significativo, ocorre em virtude do grau de instrução e da formação intelectual de Dr. Remédios, refletindo o conservadorismo da língua presente em sua ortografia. Esses casos de variações etimologizantes confirmam o padrão que predominou na ortografia portuguesa até o início do século XX. No entanto, nota-se também que já há alguma variação motivada pela interferência da oralidade, em exemplos como: *similhantes, felecidades, diminuição, surpreendeu-me* etc.

Quanto à confusão estabelecida em relação às regras ortográficas, temos os exemplos que constam da coluna “variações gráficas livres”, com os exemplos: *Pariz, amisade, socego, riquesas, sobresa-ir* etc.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tipo de documento analisado aqui, uma escritura autobiográfica, de uma pessoa com nível de instrução superior, mesmo tendo sido escrito de maneira informal, apresenta aspectos grafemáticos que apontam para uma predominância da ortografia pseudo-etimológica. Embora Dr. Remédios tenha apresentado alguns exemplos de uma leve interferência da oralidade e de certa frouxidão quanto ao que se podia variar, seu padrão ortográfico está em conformidade com as normas oitocentistas.

Buscou-se neste trabalho mostrar que, através da escrita, todo tipo de mudança pode ser observado. Em se tratando de ortografia da língua portuguesa, há ainda muito caminho a ser percorrido e muita coisa a ser estudada, a fim de se analisar a história do português em solo brasileiro.

O pequeno *corpus* apresentado aqui não esgotou todo o texto de Dr. Remédios, que tem muitos mais exemplos do predomínio da grafia pseudo-etimologizante.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACIOLI, Vera Lúcia Costa. *A Escrita no Brasil colônia: um guia para leitura de documentos manuscritos*. 2ª ed. Recife: Fundação Joaquim Nabuco / Editora Massangana, 2003.

BASTOS, Neusa Barbosa ; PALMA, Dieli Vesaro (Org.). *História entrelaçada: a construção de gramáticas e o ensino de língua portuguesa do século XVI ao XIX*. São Paulo: IP/PUC; Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

BARBOSA, Afrânio Gonçalves; LIMA, Círia da Silva. Aspectos grafemáticos e culturais em manuscritos do século XIX: critérios para a construção de *corpora* contrastivos do português. *Revista Philologus*, Rio de Janeiro: Cifefil, ano 9, n. 25, 2003.

BOTTÉRO, Jean et al. *Cultura, pensamento e escrita*. São Paulo: Ática, 1996.

COUTINHO, Ismael de Lima. *Pontos de gramática histórica*. 7ª ed. rev. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.

GONÇALVES, Maria Filomena. *Madureira Feijó, ortografista do século XVIII: para uma história da ortografia portuguesa*. Lisboa: Ministério da Educação / Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1992.

LEÃO, Duarte Nunes do. *Ortografia e origem da língua portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional / Casa da Moeda, 1983. Introdução, notas e leitura por Maria Leonor Carvalhão Buescu.

MARQUILHAS, Rita. *A faculdade das letras: leitura e escrita em Portugal no séc. XVII*. Lisboa: INCM, 2000.

MARTINS, Nilce Sant' Anna. *História da língua portuguesa: V. Século XIX*. São Paulo: Ática, 1988.

TELLES, Célia Marques. Relação grafemático-fonética em textos não literários do século XVI. *Revista da ANPOLL*, São Paulo, n. 12, p. 37-64, jan./jun. 2002.